

A história da  
comovente atitude de  
uma meninazinha  
diante do drama  
de sua família



# Também as Crianças Têm Compreensão

**E**M NOSSA velha Bíblia de família há uma página reservada à anotação das datas importantes. A maioria dos lançamentos é acompanhada de uma explicação do que aconteceu naquele dia—um nascimento, uma morte, um casamento. Mas algumas datas estão isoladas, como se a pessoa que escreveu não tivesse coragem de registrar o acontecido. Uma dessas datas, em tinta desbotada, é a de 18 de outubro de 1926.

JEAN BELL MOSLEY

Êsse dia amanheceu como inúmeras outras manhãs de outubro em Misúri. Havia geada



nos campos de restólho, uma vaga fumaça de lenha no ar, misturada com aromas de maçãs maduras, medas de milho secando, cascas de nozes esmagadas.

Depois do café, eu e minha irmã tivemos a animada briga de costume para resolver de quem era a vez de lavar a louça. Detestávamos essa obrigação, principalmente por ser tão enfadonha. Mas essas implicâncias não escondiam o profundo amor que tínhamos uma à outra e a todos os membros da família, que incluía vovó e vovô.

No caminho para a escola, nesse dia, passamos pela casa da Sr.<sup>a</sup> Zimmer. Ela nos cumprimentou alegremente e pediu que parássemos na volta para casa para apanhar um vidro de doce de maçã que estava fazendo. Mais adiante, vimos o Sr. Schmidt conduzindo os seus carneiros de um pasto para outro. De trás de uma colina vimos a fumaça subindo do moinho de sorgo de Harvey. A gente recorda bem os pequenos detalhes de um dia como aquêle.

Na escola, os corredores estavam apinhados, e fazia-se muito barulho, uns apertando e empurrando os outros. Ouvi uma professôra queixar-se amargamente para outra de que as crianças eram pequenos ingratos egocêntricos, destituídos de sensibilidade ou compreensão dos direitos e necessidades do próximo.

De volta a casa, eu estava pondo a mesa do jantar quando bateram à porta. Era o Sr. Holly, amigo e colega de meu pai nas minas. Estava

pálido, e tinha as mãos trêmulas.

—Sua mãe está?—perguntou êle.

—Que foi?—perguntou mamãe, já na porta, empurrando-me para um lado.

—Houve um acidente, Sr.<sup>a</sup> Bell —disse o Sr. Holly em voz baixa.

—Wilson?—perguntou mamãe, quase num murmúrio.

O Sr. Holly fêz que sim com a cabeça e passou precipitadamente a contar a sorte que tiveram em conseguir que o expresso de Iron Mountain parasse e levasse papai para St. Louis.

—Foi o braço. Ficou prêso numa correia de transmissão. Mas êle já está no hospital, recebendo todos os cuidados possíveis.

Mamãe já tinha tirado fora o avental e estava alisando o cabelo. Voltou-se para nós e para vovô e vovó, que já estavam junto da porta, e recomendou:

—Escutem, eu vou passar fora uns dias. Comportem-se bem. Não falem à escola e ajudem nos serviços da casa, como de costume. Tudo acabará bem.

Mas tudo não acabou bem. Vovô, que viajou para St. Louis alguns dias depois, disse-nos ao voltar que papai poderia perder o braço. (Êle já o perdera, mas vovô achava que as más notícias nos deviam ser dadas gradativamente.)

Quando mamãe voltou, nós percebemos a verdade, e isso correspondeu a uma dura realidade, diante da qual os nossos jovens espíritos recuavam. Certamente chegaria logo o dia



em que saberíamos que houvera engano, que o braço—o grande braço musculoso de ferreiro que nos ninara e carregara e jogara para o ar—tinha sido reposto em seu lugar.

Mamãe recomendou:

—Quando papai voltar para casa, vocês não devem chorar na presença d'êle, nem dar a impressão de que alguma coisa mudou. Façam de conta que tudo continua como sempre. A vida continua, sabem? E é assim que êle quer que seja.

*Façam de conta que tudo continua como sempre!* Estaria mamãe tão desesperada que não sabia mais o que dizia?

Papai foi trazido para casa durante a noite. Ouvimos todos os movimentos, embora fingíssemos dormir. Mamãe dissera que êle chegaria cansado da viagem e que seria melhor esperarmos para vê-lo de manhã. A noite parecia interminável. Que faríamos? Que diríamos? Que aspecto êle teria?

Na manhã seguinte, êle nos pareceu pálido e magro, sentado junto à lareira da cozinha. A luz do fogo brilhava através da longa manga vazia. Com o tempo a gente se acostuma a ser abraçada com um braço só. Mas aquêle primeiro abraço—o vazio horrível, a pressão que faltava—doía dos pés à cabeça, principalmente na garganta.

Vovó arranjou alguma coisa para fazer na copa enquanto nós ficávamos ali paradas junto de papai, rígidas e formais, perguntando como estava passando, como se êle fôsse um

estranho a visitar-nos. Mamãe, de costas para nós, enrolou novamente a massa dos biscoitos que acabava de cortar e tornou a cortá-los todos outra vez. Vovô foi buscar um balde de água.

Estava tudo errado. Quando vovô voltou da copa, veio na ponta dos pés. Quando vovô voltou do poço, devia ter dito que o dia estava convidando a levar os perdigueiros a uma caçada na Montanha Simms. Na hora do café, mamãe passou o doce de maçã e disse: “Êste é da Sr.<sup>a</sup> Zimmer”, mas sua voz soou falso.

Sem saber por quê, eu e Lou sentimo-nos obrigadas a comer a parte interna dos biscoitos, que costumávamos raspar e jogar fora, desperdiçadamente, pois preferíamos a côdea. O biscoito era macio e eu me sentia muito virtuosa por comê-lo todo, mas assim mesmo ficou-me atravessado na garganta. *Façam de conta que tudo continua como sempre!* Mas como?

Finalmente, Lou empurrou a cadeira para trás.

—É sua vez de lavar a louça—disse ela.

Eu me lembrava claramente de que não era. Lavara a louça do jantar na véspera e até quebrara um dos pratos de sobremesa de vovó, com desenhos de rosas. Mas não disse nada. Começar a brigar ali, logo de saída, diante de papai, que acabava de voltar para casa com aquela manga vazia, seria indelicado.

—É, sim senhora, é sua vez—



disse Lou, como se eu tivesse protestado.

A voz dela tinha o tom rixento de costume. Olhei-a horrorizada. Estaria ela sendo colossalmente *insensível*?

Foi então que uma palpitaçãozinha quase imperceptível nos seus olhos me fêz parar, de bôca aberta. Vi naquela palpitação alguma coisa —a compreensão de minha irmã—e senti rapidamente o contágio.

—Não é, não senhora—respondi, adequadamente exaltada.

—Pois fique sabendo que é!

—Isto é que não!

—Meninas, parem com isso!—

respondeu mamãe, num tom sossegado, natural, bem-humorado.

Voltamo-nos para ela, mas de relance eu vi a fisionomia de papai. Êle sorria, e o sorriso era um bom sorriso de homem que afinal chegou a casa.

Agora, tantos anos depois, olho aquela data escrita e fico pensando. Devo acrescentar: “O dia em que Wilson Bell perdeu o braço”? Não, acho que não. Algum dia eu talvez escreva a minha resposta à acusação da professôra naquela data. Escreverei: “As crianças têm compreensão, sim!” E talvez até acrescentar: “Fique sabendo!”



**S**EU NOME todo era Maximilian McNulty, III. Tocou corneta numa banda de circo durante vários anos antes de ser convocado, em 1940, e chegou ao meu destacamento para receber o treinamento básico. Naturalmente, foi nomeado corneteiro.

Não há nada de mais irritante do que uma corneta berrando o toque de alvorada, porém Max fazia a coisa delicadamente. Usava a própria corneta. Em breve começamos a perceber ligeiras variações em sua execução, um compasso ou dois de notas estranhas, um ligeiro ritmo de jazz na cadência—lindamente executado e claro como um sino no frio da manhã. Começou mesmo a acrescentar alguns compassos da abertura de *Guilherme Tell*, da “Abertura 1812” e outras peças. Pouco a pouco, Max estava executando um concêrto da madrugada que durava bem uns cinco minutos, com as notas do toque de alvorada hàbilmente intercaladas no todo. Poucos homens deixavam de prestar atenção aos primeiros sons. Aquilo facilitava um pouco o levantar.

Mas, naturalmente, tinha de ter um fim. Um general passou a noite na base. Pouco tempo depois, foi instalado um alto-falante para transmitir uma versão gravada do toque de alvorada. Max foi destacado para distribuir o correio, sua corneta foi aposentada e os soldados voltaram a levantar-se resmungando.

—G. F. N.